Conhecer os desejos da terra profecias de Gomer no livro de Oséias

Resumo

Releitura do livro de Oseias na perspectiva dos processos de intensificação da agricultura no século VIII no reino do norte e a resistência camponesa em especial na recuperação e reimaginação das práticas e vivência de mulheres com a terra em diálogo com as lutas da agroecologia feminista hoje

Abstract

Rereading the book of Hosea in the perspective of the processes of intensification of agriculture in the eighth century in the northern kingdom and the peasant resistance, especially in the recovery and reimagination of practices and experience of women with the land in dialogue with the struggles of the feminist agroecology today

Resumen

Releyendo el libro de Oseas en la perspectiva de los procesos de intensificación de la agricultura en el siglo VIII en el reino del norte y la resistencia campesina, especialmente en la recuperación y reinención de prácticas y experiencias de mujeres con tierra y tierra en diálogo con las luchas de agroecología feminista hoy

*Debulhar o trigo Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão
Decepar a cana Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel
Afagar a terra Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, propícia estação
E fecundar o chão
Milton Nascimento¹*

¹ Milton Nascimento, O Cio da Terra, in: <http://www.miltonnascimento.com.br/letras.php?nome=Cio>

Esta é uma canção latino-americana que expressa a centralidade da questão da terra entre nós. O poema entende a relação entre o desejo, a necessidade e a vontade para além de um uso instrumental ou uma redução utilitarista da terra. Os verbos “debulhar”, “recolher”, “forjar”, “cortar”, “coletar”, “roubar” listam os modos de trabalho na relação com a terra/natureza. É trabalho e relação. Trigo – Pão. Cana- Mel. Terra – Chão.

A canção explicita uma relação de reciprocidade com a terra: de receber e de dar. No final do verso - que anuncia a terra em cio – se estabelece o desejo de “fecundar”, de estabelecer uma relação de reciprocidade, de criação: “adubar” a terra (to manure), “recrutar” a terra, como recolocação e devolução do que foi tomado da terra e é devolvido na forma do trabalho e do desejo. O poema supera a relação utilitária com a terra e abre para a possibilidade de uma relação erótica, criativa, prazerosa sem ter que escolher entre a fome e a vontade de comer, o que se come e o que se gosta. Eu tiro da terra e eu devolvo para ela. A terra é tocada, lambida, comida numa simultaneidade de trabalho e prazer de dar e receber como parte fundante da cultura pertencida à natureza. Nosso desejo de “fecundar” se aproxima da expressão vital das práticas agroecológicas de manter o princípio de pertença na terra com a terra: o milagre do pão!

“onde tudo é vida, onde todos somos uywas, criados da natureza e do cosmos (...) todos somos parte da natureza e não há nada separado. São nossos irmãos tanto as plantas como as montanhas”.² Choquehuanca, 2010

E aí... toda teologia precisa se explicar. A cisão do imaginário deus/natureza como um binário marcado pela hierarquia do criador/criação (Gênesis) só pode se manter como possibilidade metafórica se continuar atado às formas vivas, orgânicas e provisórias de vida. Projetado como modelo universal e afirmado como narrativa originária/original da civilização, a teologia cristã se prestou (e se presta!) aos projeto de dominação e colonização e vai alimentando as teologia neo-coloniais, imperialistas e hiper extrativistas.

Hoje, o modelo capitalista de financeirização da agricultura e da natureza, opera a partir de três lugares teológicos:

a sacralização do mercado,
a sacralização da tecnologia e
a sacralização do desenvolvimento.

Operando na base da separação natureza/cultura os usos limitados do texto bíblico fecundou uma fé e um credo que afirma:

² CHOQUEHUANCA C. , D. 2010. Hacia la reconstrucción del Vivir Bien. América Latina en Movimiento, ALAI, no.456: 6-13, in: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1837823> (acesso 2/9/2019)

a natureza a serviço/à disposição da humanidade,
a pretensão supremacista da espécie humana de que nada pode deter
seu modo de vida e sua ciência,
o mercado, o dinheiro e o lucro como as três pessoas da trindade de um
mundo cindido entre os 5% que se beneficiam desse culto exclusivo e
as maiorias que vivem à margem da natureza, da riqueza produzida e
das técnicas e ciência.

O modelo econômico é “deus” e se expressa na história como ex-
-machina extrativista. O progresso do capitalismo se confunde com a re-
velação de deus na história... numa relação extratora das matérias de tudo
que vive para gerar a substância artificial do lucro que se afirma para além
da história, da natureza e da cultura.

No fim das contas o lucro cria o mundo e o sustenta. As narrativas
tradicionais de povos originários de divindades que criam a partir da ma-
téria seja ela o milho, o rio, a terra, é substituída violentamente pela ima-
gem do progresso que... extrai a matéria, se apodera dela e a destrói para
engendrar um mundo novo. A tecnologia de ponta de extração intensiva
de minérios, extraídos com devastação ambiental e a exaustão do trabalho
humano escravizado engendra – fiat lux – a divindade dos aparatos de
mídia, das tecnologias de ponta e seu exclusivo grupo de sacerdotes.

A América Latina sempre foi marcada pelas aventuras extrativistas
predatórias desde a invasão, passando pelo período colonial e se mantém
agora. Na América Latina, defensoras/es de direitos humanos e da na-
tureza são criminalizadas/os porque desafiam o credo extrativista. Mes-
mo os governos populares que marcaram a década e meia de 2000 a 2015
não conseguiram sair fora da imposição extrativista (grãos, água, minério,
energia...).

*Y han sido los extractivismos precisamente uno de los factores que más golpearon a
los gobiernos que se identifican ahora como progresistas, ya que si bien se esperaba
de ellos otro tipo de relacionamiento con la naturaleza y las comunidades locales,
igualmente terminaron siendo extractivistas y repitieron los enfrentamientos con
organizaciones ciudadanas.*³

Os setores extrativistas do capitalismo neo-colonial reescrevem a
linguagem religiosa, retiram qualquer validade dos discursos das igrejas
e teologias e *con atributos que se sustentan en la fe en la ciencia y la tecnología,
en el crecimiento económico, en la omnipresencia humana, etc.* (Gudynas). Por
isso as críticas e as resistências populares aos projetos extrativistas são tra-
tadas como heresia contra o coração mesmo do projeto da modernidade
e sua racionalidade. As três dimensões da religião do capitalismo - e sua

³ GUDYNAS, E., Teología de los extractivismos. Introducción a Tabula Rasa N° 24, in: <http://www.redalyc.org/pdf/396/39646776001.pdf> (acesso 5/9/19)

liturgia diária, o extrativismo – não admitem que se organize a vida fora da adoração do mercado, da tecnologia e do assim chamado desenvolvimento econômico.

Quatro tarefas teológicas se impõem: denunciar e anunciar.

1. Denunciar as pretensões teológicas do extrativismo capitalista: *Se trata del saqueo, despojo, robo, y apropiación de recursos del sur global (el sur del norte y el sur dentro del norte) para el beneficio de unas minorías demográficas del planeta consideradas racialmente superiores, que componen el norte global (el norte del sur y el norte dentro del sur) y que constituyen las elites capitalistas del sistema-mundo . Peor aún, el extractivismo es central a la destrucción de la vida en todas sus formas.*⁴
2. Anunciar uma eco-teologia de relação erótica e de adubagem com a natureza, o que exige rever os modos de vida, de saber, de fazer e de viver das sociedades que se atrevem a pensar a vida contra o capitalismo, traçando um programa de transição agro/hídrica/energética/florestal/fármaco, etc. Reinventar espaços de criação erótica não extrativistas. Aqui no âmbito dos extrativismos epistemológicos é importantes afirmar a criação recriadora de *saberes sabidos*, que desde as práticas tradicionais não-capitalista dos pobres da terra podem ser semente de um “milagre vegetal”, de saberes eco-queer que dialogam com as lutas populares e pelos direitos da terra.
3. Anunciar uma espiritualidade de pertença na/com a terra. Viver é buscar energia! gastar energia! trazer o mundo pra perto como água, comida, coberta, remédio, lazer... organizar esta proximidade é a tarefa de organizar a sociedade, pelo trabalho, pela tecnologia e pelas relações sociais de produção, reprodução, distribuição e consumo... e Deus é o nome do meu desejo, do desejo da terra. Deus é cio.
4. Aprofundar uma releitura crítica e recriadora de textos bíblicos que são usados para reforçar as agendas extrativistas e predatórias. O texto bíblico não se presta para legitimar este o aquele projeto político-econômico. Como antigo texto de antigos projetos a Bíblia pode ser exercício importante de desvendar os modos ideológicos da religião e suas interações com projetos de poder. A partir da crítica podemos recriar o que significaria existir como “unidade biótica” (presença de seres vivos e suas relações) com de Deus.

⁴ Ibid.,

1. Intensificação agrária e a resistência camponesa na profecia de Oséias... e Gomer⁵

Já temos um debate consolidado sobre Oséias na América Latina e Caribe com grandes contribuições de teólogos e teólogas.⁶ Sobre a datação, autoria e contexto fico com uma síntese:

A data provável da profecia de Oseias é 755 a 721 a.E.C. Trata-se do final do reino do Norte, últimos anos do reinado de Jeroboão II até o reinado de Oseias, filho de Ela. No primeiro capítulo de Oseias está uma forte crítica contra a dinastia de Jeú. Os capítulos 2 e 3 refletem certa prosperidade de produção e tranquilidade política, marcas do reinado de Jeroboão II. Do capítulo 5 em diante, estão reflexos da crise que se instaura em Israel, devido a pressões externas vindas do Império Assírio. Com a chamada guerra siro-efraimita e a subjugação de parte do território por Teglath-Falasar III (rei da Assíria), por volta de 733 a.E.C., aumentam significativamente na palestina o clima de violência e insegurança interna. Os capítulos finais de Oseias testemunham os acontecimentos em torno do ano 724 a.E.C., data do cerco à cidade de Samaria e da destruição do reino do Norte, com o conseqüente exílio do povo para a Assíria, potência imperialista da época.⁷

Não nos faltam ferramentas históricas, sociológicas e literárias, mas... nos falta o chão do lugar do texto quase sempre centrado na discussão do Estado e do Templo, da política e religião desprezando a insistência da profecia de Oséias em falar de agricultura!

Reconhecendo as diversas pesquisas disponíveis, boa parte da interpretação de Oséias centra a discussão na dicotomia entre religião da fertilidade e javismo ético⁸ deixando de fora as profundas interações da profecia com as questões de terra, agricultura e sistema de abastecimento da vida material. Esta dicotomia não expressa – a meu modo de ver – a insistência do texto em manter o debate político e teológico atado às questões agrárias. Colocar como conflito central a disputa entre as divindades agrárias e seus rituais contra a religião ética de Javé - centrada em valores - destrói no texto sua organicidade vital: conhecer Deus é conhecer a terra!

⁵ A partir da participação no Seminário de Ecoteologia do Centro Emmanuel, Colônia Valdense, Uruguai (abril 20019)

⁶ Textos publicados em RIBLA:

JÚNIOR, João Luiz Correia / LEAL, Jônatas De Mattos, “La relación entre ‘conocimiento de Dios’, comportamiento ético y ecología. Una interpretación a partir de Os 4,1-3”: 65 (2010:1) 77-87

PIXLEY, Jorge, Oseas, “Una nueva propuesta de lectura desde América Latina”: 1 (1988:1) 67-86

⁷ MOREIRA, Gilvander, Oseias, o profeta das relações de amor e da anti-idolatria religiosa, in: <https://www.ecodebate.com.br/2012/12/04/oseias-o-profeta-das-relacoes-de-amor-e-da-anti-idolatria-religiosa-a-biblia-respira-profecia-parte-4-por-gilvander-luis-moreira/> (acesso 5/9/2019)

⁸ WITTENBERG, Gunther, Knowledge of God: The Relevance of Hosea 4:1-3 for a Theological Response to Climate Change, OTE 22/2 (2009), 488-509, in: <http://www.scielo.org.za/pdf/ote/v22n2/14.pdf> (acesso 5/9/2019)

Para recolocar o texto nessa perspectiva biótica o melhor caminho parece ser seguir a intuição de algumas biblistas feministas (Tânia Mara Vieira Sampaio, Helgard Balz-Cochois, T. Drorah Setel, Alice A. Keefe).

Para Alice Keefe o problema está na visão predominante do conceito de Deus de Oséias como uma divindade totalmente diferente e oposta às divindades de fertilidade de Canaã. Essa visão depende da leitura dominante das metáforas sexuais e de natureza de Oséias, nas quais o “adulterio” com os baalim é entendido como uma crítica das práticas religiosas da fertilidade popular.

Se tomamos a questão agrária e agrícola como lugar privilegiado da narrativa e do conflito teológico na profecia de Oséias aborda seria importante evitar o binário “religião da fertilidade versus fé no “Deus da História”; a profecia de Oséias reage teologicamente contra um modo opressivo de produção incorporado no culto a Israel do século VIII que se expressava:

- 1) na intensificação da produção de grãos, vinho e azeite para exportação pelas classes de elite;
- 2) uma situação política volátil, associada a uma política externa imprudente;
- 3) um entrelaçamento de culto, realeza, sacerdócio e política externa; e
- 4) uma monolatria não polêmica cuja veneração masculina por Baal legitimava os interesses da elite.⁹

A monarquia (norte de Israel, século VIII) intensificou a agricultura e, de certo modo concentrou a propriedade concedendo terra para líderes militares- em especial as planícies férteis - que apoiavam as conflituosas instâncias de poder local e regional

Um aumento na produção das três commodities agrícolas preferidas [trigo, azeite e vinho] foi causado pela especialização regional em agricultura, incluindo o aumento da pastagem (sob a guarda do exército real) e da agricultura, e a consolidação de “terras aráveis em cada vez menos mãos.”¹⁰

O modo de produção familiar-camponês vai sofrer drásticas consequências com estes processos: os agricultores e agricultoras das terras

⁹ YEE, Gale, “She is not my wife and i am not her husband”: a materialist analysis of Hosea 1-2, Biblical Interpretation, Koninklijke Brill NV, Leiden, 2001, in: https://www.academia.edu/25404727/She_is_Not_My_Wife_and_I_Am_Not_Her_Husband_A_Materialist_Analysis_of_Hosea_1_2 (acesso 6/9/2019)

¹⁰ WEST, G., Tracking an ancient Near Eastern economic system: The tributary mode of production and the temple-state, Old testament. essays, Pretoria, v. 24, n. 2, p. 511-532, 2011, in: http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1010-99192011000200011&lng=en&nrm=iso; DAVIS, Ellen, Scripture, Culture, and Agriculture: An Agrarian Reading of the Bible, Cambridge University Press. June 2012, (acesso 9/9/2019)

altas praticavam uma agricultura mista, baseada na aldeia, organizada como pluriatividade (combinando diversas tarefas produtivas) – que respondia aos riscos de falha de colheita. O trabalho familiar na terra em sua diversidade garantia a distribuição e as formas locais de consumo.

Com o fortalecimento do modo tributário de produção, as concessões de terras nas regiões “celeiro” de Israel (Jezreel) se tornaram latifúndios nas mãos de algumas elites ricas ligadas ao palácio e o templo. Para obter acesso à terra, os camponeses pagavam enormes rendas e / ou impostos, transferindo seus “excedente” para os proprietários. A pressão recaía tanto nas atividades produtivas mas também nas atividades reprodutivas pressionando homens e mulheres de modos diferente e desigual.

Em síntese: a dinâmica reprodutiva foi perdendo gradualmente, o caráter genérico que lhes era peculiar na sociedade primitiva e diferenciada pelas classes sociais, na medida em que foram estruturadas.

1. O excedente e o controle do excedente (mão-de-obra e produto) pressionam na direção da criação de uma classe separada, responsável pelo controle;
2. Esse tipo de controle das formas excedentes é colocado como um mecanismo superior de “exploração” de unidades familiares;
3. A forma de poder estabelecida está no mecanismo da tributo, que estimula e influencia, o excedente de força de trabalho e produto;
4. Maior controle do território requer maior densidade populacional, pressionando a dinâmica da fertilização / concepção; criar filhos responde às necessidades de ocupação territorial e suas demandas pela manutenção de uma força de segurança especializada e cria as condições para o comércio sistemático;
5. Os segmentos especializados da sociedade (soldados, comerciantes, governantes etc.) não estão mais ligados ao trabalho produtivo e precisam ser sustentados pelo excedente de produção e reprodução dos camponeses;
6. A organização das cidades estabelece a contradição especial deste período: a oposição entre a manutenção das comunidades e a manutenção do Estado / Cidade na forma de tributo (controle do excedente de produção) e de imposto (controle do excedente de reprodução) ;
7. A religião também passa por essa contradição, representações religiosas emergentes ligadas à cidade, em conflito com as representações religiosas dos povos camponeses;
8. O poder central institui gradualmente uma regulamentação da posse dos meios de produção (terra) e reprodução (trabalhadores); A religião tem um papel importante na legitimidade das formas de expropriação de produtos e pessoas.

9. O surgimento de poderes centrais não elimina os poderes periféricos das aldeias, mas estabelece um conflito de interesses que são expressos na revolução dos camponeses e também em termos religiosos, como no caso da profecia bíblica.¹¹

Carol Meyers usou ferramentas da história, sociologia, antropologia e arqueologia para reconstruir modelos da vida social das sociedades registradas nos textos bíblicos e o lugar das mulheres

Ela argumenta que, quando o trabalho agrícola e a gravidez, duas esferas nas quais as mulheres desempenhavam um papel ativo, eram centrais na sociedade bíblica, a vida social e religiosa no Israel antigo era relativamente igualitária. Quando o estado político e a monarquia emergiram, e a vida religiosa foi institucionalizada no culto ao templo e na burocracia sacerdotal (a partir do século X aEC), no entanto, as mulheres foram cada vez mais excluídas da arena pública e perderam o acesso à autoridade comunitária.¹²

A resistência do trabalho camponês na terra e da vida camponesa na terra vai ser o chão de boa parte da profecia bíblica no VIIIo. século aec¹³ e também vai ser presente de modo significativo nas festas e celebrações religiosas.¹⁴ No livro da profecia de Oséias este é o chão dos conflitos: o avanço das elites econômicas e militares no controle da terra e na intensificação da agricultura para exportação, as estratégias das elites religiosas e culturais de legitimação do tributo da produção agrícola mediado pelo culto/religião e a resistência camponesa.

O livro de Oséias apresenta não somente um modo unificado e coeso de resistência; as muitas formas de relação de poder vão ser expressas de modo diverso o que poderia permitir uma leitura conflitual também dos modos de resistência em que segmentos diversos respondiam de modo diverso, em especial se consideramos as relações sociais de poder e gênero.

A profecia de Oséias tem como conteúdo, estrutura, léxico e imaginário o corpo das mulheres camponesas. É no corpo delas e seus filhos que a teologia e apolítica vão exercitar suas garras, os deuses e deusas vão disputar seu lugar e as experiências de Deus vão se atritar. As pesquisas disponíveis são suficientes para abordar todos estes pontos de conflito e

¹¹ CARDOSO, Nancy, "...sean fecundos, multiplíquense, llenen la tierra..." (Gênesis 1,28) Producción y reproducción en la Biblia Hebrea, RIBLA 57, 2007, QUITO, in: <http://www.centrobiblicoquito.org/ribla/> (acesso 8/9/2019)

¹² BASKIN, J., Women in the Bible - An Early Example of Divergent Views, in: <https://www.myjewishlearning.com/article/women-in-the-bible/> (acesso 8/9/2019)

¹³ GALLAZZI, A. . Êxodo 3 e o profetismo camponês. Estudos Bíblicos, Petrópolis, v. 16, p. 69-75, 1988

¹⁴ SASSI, Katia, Desenrollando los cinco Megillot festivos, Meguilot Enfoque feminista, RIBLA 57, 2010, in: <http://www.centrobiblicoquito.org/ribla/> (acesso 9/9/2019); NAKANOSE, S., Uma história para contar: A Páscoa de Josias - Metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22, 1-23,30. São Paulo, Paulinas, 2000

revelar a profecia do livro de Oséias como um campo vivo de debate, de estratégias e de resistências.

Sem a pretensão de apresentar um quadro ordenado sobre os debates internos na profecia de Oséias e tampouco os debates externos no campo da pesquisa exegética e hermenêutica, quero me dedicar a reconstruir pelo avesso dos textos as relações das mulheres camponesas com a terra e na terra. Conhecer os desejos da terra... e os das mulheres.

2. *Na roça com Gomer e suas amigas: autonomia na terra e soberania alimentar*

Gomer era uma mulher israelita normal, que participou do culto sincrético da sociedade agrária de seus dias... ela não era adúltera, muito menos uma prostituta. Ela e elas viviam no imaginário encantado do corpo/território delas mesmas e das deusas. Esta extensividade entre mulher/terra pode ser entendida no capítulo 2:

[No início do] v.5, Israel é a mulher, mas, na segunda parte, ela é a terra que será transformada em terra seca, até morrer de sede. A mulher é colocada no mesmo plano da terra, e ambas são propriedades do marido. O homem é o marido, o proprietário da mulher, inclusive aquele que se apropria do seu corpo e transforma a terra em um deserto.¹⁵

Há diversas maneiras de entender os usos que a narrativa de Oséias faz sobre o corpo e a sexualidade das mulheres: metáfora da relação Deus (homem) – povo (mulher); feminização das elites políticas e religiosas com intuito de humilhar; combater os cultos de fertilidade e os possíveis usos rituais da sexualidade/fertilidade; manter o controle ético/disciplinar dos núcleos de produção e reprodução; deslocar as religiosidades associadas às deusas e à agricultura transferindo o lugar do sagrado da terra para a lei e o culto (via profecia).

Para cumprir alguns ou todos estes objetivos o texto bíblico facilmente recorre a uma descrição sobre os comportamentos e atitudes de mulheres usando uma linguagem abertamente sexuada (oscilando entre o erótico e o pornográfico).

As características distintivas da pornografia podem ser caracterizadas da seguinte forma: (i) A sexualidade feminina é retratada como negativa em relação a um padrão masculino positivo e neutro; (ii) as mulheres são degradadas e humilhadas publicamente; e (iii) a sexualidade feminina é retratada como um objeto de posse e controle masculino, que inclui a representação de mulheres como análogas à natureza em geral e à terra em particular, especialmente no que diz respeito às imagens de conquista e dominação.¹⁶

¹⁵ SECRETI, P.G., Deus Ciumento: Análise Exegética de Oséias 2,4-15, dissertação de mestrado em Ciências da Religião, PUC Goiás, 2006, in: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/968>. (acesso 9/9/2019)

¹⁶ SETEL, Drorah, Prophets and Pornography: Female Sexual Imagery in Hosea, Feminist

A força do imaginário sexual a serviço dos interesses teológicos da profecia javista no entanto não encobre totalmente certo protagonismo das mulheres. Gomer (Oséias 1, 2) vai ser apresentada como מְיֻנָּה mulher de *prostituições*. O estudo cuidadoso e detalhado do texto e do campo semântico de יָנָה indica As palavras traduzidas aqui como “prostituição” (que aparece três vezes num mesmo versículo) são todas da mesma raiz que as palavras *zenut* e *zonah*. Um aspecto implícito no termo hebraico e no uso que faz Oséias é “prostituição” no sentido específico de “*não sujeito a controle*”.¹⁷ O texto não usa o termo descritivo *zonah* (isto é, “prostituta”), mas usa, em vez disso, o termo *zenunim* e o verbo *zanah*, que eles traduzem como “promiscuidade” e “ser promíscuo”, respectivamente.

Gomer e as mulheres estão *fora de controle*, elas tem autonomia o que não vai ser condenada pelo texto:

Eu não castigarei vossas filhas, quando se prostituem, nem vossas noras, quando adulteram - Oséias 4:14

Neste sentido seria possível defender que a mulher **zonah** era “*uma mulher livre, economicamente autônoma e, por isso, independente... a mudança, o significado negativo que a palavra **zonah** assumiu foi fruto do patriarcalismo.*”¹⁸

Esta autonomia de Gomer e das mulheres tem uma profunda relação entre corpo, comida, desejo e religião e aparece no texto como por exemplo:

Irei atrás de meus amantes, que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e as minhas bebidas. Oséias 2, 5

E farei cessar todo o seu gozo, as suas festas, as suas luas novas, e os seus sábados, e todas as suas festividades. Oséias 2, 11

olhem para outros deuses, e anem os bolos de uvas. Oséias 3, 1

Sacrificam sobre os cumes dos montes, e queimam incenso sobre os outeiros, debaixo do carvalho, e do álamo, e do olmeiro, porque é boa a sua sombra; por isso vossas filhas se prostituem (são autônomas), e as vossas noras adulteram (são independentes). Oséias 4,13

amaste a paga de meretriz sobre todas as eiras de trigo. Oséias 9, 1

As expressões utilizadas dão conta do protagonismo das mulheres em direcionar sua relação com a terra e seus rituais, de criar vínculos amo-

Interpretation of the Bible, Edited by Letty M. Russell, Westminster Press. Philadelphia, 1985, in: <http://www.womenpriests.org/prophets-and-pornography-female-sexual-imagery-in-hosea-by-t-drurah-setel-from-feminist-interpretation-of-the-bible/> (acesso 9/11/2019)

¹⁷ SILVA, Célio. Sobre os cumes dos montes sacrificam. tese de doutorado, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2012, in: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/225/1/Celio%20Silva.pdf> (acesso 9/11/2019)

¹⁸ Segundo BUDALLÉS DIEZ, Mercedes, Raab – Mulher da Vida. Uma proposta de leitura feminista da mulher zonah no Antigo Testamento a partir da história de Raab (Josué 2), dissertações de mestrado, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2002, apud. SILVA, Célio, *ibid.*,

rosos e desejosos com a terra e seus frutos, de vivenciar prazerosamente a lida com as árvores e suas expressões religiosas, de manter um calendário festivo na relação do corpo com a terra e as divindades, de gozar com o sagrado de bolos, pão e água. A sombra é boa, a eira é lugar pleno, não falta nada! A autonomia das mulheres é a autonomia da terra. *Nenhuma culpa!nenhum castigo!* - diz o texto:

Eu não castigarei vossas filhas, quando se prostituem, nem vossas noras, quando adulteram - Oséias 4:14

Esta autonomia das mulheres não é problema para Deus e o profeta porque expressam de certo modo a resistência dos modos comunitários e familiares de trabalho e produção na terra e com a terra. O problema está na intensificação da agricultura e a na superexploração das aldeias – produção e reprodução da vida – que traz sofrimento para todo o povo e a terra:

Só permanecem o perjurar, o mentir, o matar, o furtar e o adulterar; fazem violência, um ato sanguinário segue imediatamente a outro.

Por isso a terra se lamentará, e qualquer que morar nela desfalecerá, com os animais do campo e com as aves do céu; e até os peixes do mar serão tirados. Oséias 4, 2 e 3

A profecia não julga nem condena as mulheres porque tem como alvo as elites responsáveis pelo processo acelerado de intensificação da agricultura, diminuição da diversidade da produção das aldeias e a consequente precarização da vida:

Ouvi isto, ó sacerdotes, e escutai, ó casa de Israel, e dai ouvidos, ó casa do rei, porque contra vós se dirige este juízo, visto que fostes um laço para Mizpá, e rede estendida sobre o Tabor. Oséias 5,1

e:

Eles fizeram reis, mas não por mim; constituíram príncipes, mas eu não o soube; da sua prata e do seu ouro fizeram ídolos para si, para serem destruídos. Oséias 8, 4

Todo o livro de Oséias precisa e depende dessa linguagem sobre a terra e com a terra – entendida como lugar de vida, trabalho, prazer e conflito. O conhecimento de Deus está na terra e depende do tipo de relação que se estabelece no engendramento da agricultura e suas atividades, na qualidade e na quantidade de vida que se experimenta.

Israel é uma vide estéril que dá fruto para si mesmo; conforme a abundância do seu fruto, multiplicou também os altares; conforme a bondade da sua terra, assim, fizeram boas as estátuas.

O seu coração está dividido, por isso serão culpados; o Senhor demolirá os seus altares, e destruirá as suas estátuas. Oséias 10, 1 e 2

O projeto de agricultura da monarquia associada ao templo é uma vide que dá fruto para si mesma, que transforma a fartura e abundância da terra em fetiches de altares e estátuas a serviço dos interesses de reis, comerciantes, sacerdotes e militares.

A profecia de Oséias vai fazer o enfrentamento do processo de superexploração da terra e vai afirmar a experiência de Deus a partir das trocas vitais e libertárias dos modos camponeses, em especial de camponesas, de dar e receber da terra como projeto agrário e agrícola.

E lhe darei as suas vinhas dali, e o vale de Acor, por porta de esperança; e ali cantará, como nos dias de sua mocidade, e como no dia em que subiu da terra do Egito. E naquele dia, diz o SENHOR, tu me chamarás: Meu marido; e não mais me chamarás: Meu senhor. Oséias 2, 15 e 16

3. *Deus na roça com Gomer e as mulheres*

Quando Deus se desvencilha do enfrentamento com as elites e seus projetos de morte na agricultura é quando vai ao encontro de Gomer e da mulheres na roça. Os mesmos termos usados para descrever a relação de sensualidade e de pertença das mulheres com a terra e seus rituais vão ser usados para Deus:

Portanto, eis que eu a atrairei, e a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração. Oséias 2:14

A referência ao deserto é claramente um vínculo com a experiência de libertação do Egito e de retomada do projeto de ocupação da terra que *mana leite e mel*:

Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel. Êxodo 3, 8

Deus vai se apresentar como parte da relação de vida, com um movimento de entradas e saídas, um diálogo de perguntas e respostas que é a agricultura, que é o pertencimento de tudo na terra.

E acontecerá naquele dia que eu responderei, diz o Senhor; eu responderei aos céus, e estes responderão à terra. E a terra responderá ao trigo, e ao mosto, e ao azeite, e estes responderão a Jizreel. Oséias 2, 21

É importante observar que o termo hebraico *אָנַח* que algumas traduções trazem como “atender” tem mesmo o significado de responder; o termo atender indica um movimento de uma única direção não traduzindo o sentido de dar-e-receber que é importante aqui. Talvez alguns tradutores queiram escapar da proximidade com o nome da deusa Anat¹⁹ que

¹⁹ LIMA, Maria de Lourdes Corrêa, Culto no Israel do Norte, no século VIII a.C.: a concepção do

compartilha da mesma raiz da palavra הָנַע também com o significado de *resposta*:

תַּנַּע significado: Resposta

Etimologia: do verbo הָנַע ('ana), para responder; do substantivo אֵינַע ('ayin), que significa olho e fonte.

a etimologia do nome da deusa Anat **não é clara. Alguns dizem que isso pode ter a ver com o substantivo אֵינַע ('ayin), que significa olho, primavera ou fonte**

No capítulo 9 verso 14 Deus assume esse lugar de `anah e... asherá confirmando que não havia contradição entre o culto de Javé e das deusas da fertilidade mas, ao contrário, havia uma expressão de simultaneidade das divindades que se espessavam na relação com a terra, como presença exuberante:

eu aconteço como לֹט orvalho
רוֹשׁ הַנֶּזַע e *cuido* eu escuto וְרוֹשָׁאיוֹ תִּינַע יְגָא
Oséias 14, 8 a

אֶצְמַן, הָרֶקֶף יִצְמַח וְנֶעַר שׁוֹרֶבֶת יְגָא:
eu sou uma árvore verde e linda
eu cresço luxuriante árvore frutífera.
Oséias 14, 8 b

A história das deusas percorre um longo e difícil caminho na literatura bíblica, principalmente se considerarmos o processo complexo de consolidação do monoteísmo. Este processo já vem sendo estudado e pode ser resumido

*os/as repatriados/as da Babilônia tinham integrado a questão da culpa de tal maneira que consideravam sobretudo o culto às deusas como motivo da ruína de Israel. Os expoentes deste grupo conseguiram banir de Judá quase completamente o culto às deusas dentro de um século e de apagar, o máximo possível, as memórias dele. Não é por acaso que o culto clandestino à deusa acontece no contexto de proibições misóginas e xenófobas de casamentos mistos. Todas as tentativas que seguem, de integrar a deusa pelo menos na linguagem teológica, são tentativas assentadas dentro do sistema monoteísta.*²⁰

livro de Oseias, Revista de Cultura Teológica, in: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i93.40694> (acesso 10/9/2019)

²⁰ Segundo Silvia Schroer, apud., CORDEIRO, Ana Luisa, ASHERAH: A Deusa Proibida, Revista Aulas, Dossiê Religião N.4 – abril 2007/julho 2007, in: https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20I/4_1.pdf (acesso 12/9/2019)

Neste processo também a agricultura e as experiências bióticas de Deus(as) desaparecem e precisam ser reimaginadas. Fazer a leitura da Bíblia numa perspectiva agroecológica e feminista precisa criar nexos do imaginário bíblico com as práticas e significados das lutas das mulheres hoje:

*A falta de autonomia e igualdade se expressa nas várias e cotidianas formas de discriminação e violência vivenciadas pelas mulheres; na sub-representação nos espaços de poder e decisão; no baixo controle e acesso à terra e à produção, gerida quase sempre pelos homens, pelos patrões, pelos bancos e pelos governos. Essa realidade que não considera as mulheres como sujeitos é resultado de uma conjunção de fatores econômicos e sociais relacionados às questões de gênero e raciais, que expressam um modelo de desenvolvimento capitalista e patriarcal.*²¹

4. Agroecologia – uma camponesa me disse – é chamar a terra de “meu bem”

Colocar Gomer em contato com as mulheres hoje abre possibilidades de releituras orgânicas, vivas eróticas.

Não há necessidade de idealizar agroecologia: as formas e meios de relações agro-ecológicas são exigentes, são lentas, elas são pacientes e cheias de preliminares. É uma relação com a terra, na terra que exige conhecimento científico e encantamento, conhecer e contemplar; matar a urgência da fome e o desejo de comer com a fruta na boca, sem sacrificar a árvore.

A agricultura é parte de um conjunto de conhecimentos estabelecidos e metabolizado por grupos sociais na relação com a natureza. Este corpo de conhecimento é constituído pelas formas de trabalho, de lazer, de valor e de encantamento que são muito mais complexas que somente os processos de produção, distribuição e consumo.

*Sob o ponto de vista da pesquisa Agroecológica, os primeiros objetivos não são a maximização da produção de uma atividade particular, mas sim a otimização do equilíbrio do agroecossistema como um todo, o que significa a necessidade de uma maior ênfase no conhecimento, na análise e na interpretação das complexas relações existentes entre as pessoas, os cultivos, o solo, a água e os animais. Por esta razão, as pesquisas em laboratório ou em estações experimentais, ainda que necessárias, não são suficientes pois, sem uma maior aproximação aos diferentes agroecossistemas, elas não correspondem à realidade objetiva onde seus achados serão aplicados e, tampouco, resguardam o enfoque ecossistêmico desejado.*²²

²¹ SAID, Magnólia, MOREIRA, Sarah, Mulheres e Agroecologia: Multiplicadoras Agroecológicas transformando o semiárido, in: https://esplar.com.br/publicacoes/cartilhas/item/download/10_b675e33f67216942810d3a5371c88c67 (acesso 12/9/2019)

²² CAPORAL, COSTABEBER, Agroecologia. Enfoque científico e estratégico, in: http://www.agraer.ms.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Enfoque_Cientifico_e_Estrategido_ADRS.pdf

A agroecologia é a aplicação/vivência dos princípios e conceitos da Ecologia no manejo e desenho de agroecossistemas sustentáveis considerando as relações e valores do tempo e do lugar, integrando o conhecimento científico, saberes socioambientais... por isso mesmo é “cultura”. O “corpo” do lugar é conhecido, seus lugares de vulnerabilidade são respeitados, sua capacidade de dar e receber prazer é reconhecida e estimulada... mas sem nenhuma pretensão de conhecer e dominar todos os processos, todas as possibilidades.

Na agroecologia a ciência não tem a pretensão de conhecer como processo de exaustão: a terra e seus seres continuam vivas em todo o processo de produção e reprodução da vida. Neste sentido as formas de relação e de manejo não precisam ser sempre na busca da produção, de fazer a terra “parir”. A agroecologia tem manejos de cuidado, manejos de deixar de fazer, manejos de envelhecer, de esperar e de aguardar como modos vitais de existir, acontecer.

A agroecologia é erótica: o erótico é um deslocamento da ordem mono-cultivada da sexualidade para além da objetivação da reprodução ou da realização de um desejo. Uma agricultura que não tem como objetivo a produção intensiva de alimentos mas, a vivência no território como capacidade de vida, de cultivar alimentos e sedução:

... a sedução é sempre mais singular e sublime que o sexo', pois a sexualidade se caracteriza como função, ao passo que seduzir (cuja raiz etimológica se-ducere equivale a afastar ou desviar do caminho) é jogo, como em um ritual, e será conduzida pela incerteza, pela flexibilidade e pelo imprevisto.²³

Pensar a agricultura como um ritual conduzido pela incerteza, a flexibilidade e o imprevisto não parece ser sério suficiente para se pensar o enfrentamento da crise alimentaria e a fome no mundo. Entretanto são essas qualidades de um projeto eco-erótico que podem viabilizar uma relação do corpo social com o corpo do mundo que não seja suicida como o é o atual modelo capitalista no trato com a terra e a natureza.

O desafio está em abandonar a relação mercantilizada com a terra e reestabelecer a relação da cultura aonde incerteza, flexibilidade e imprevisto são valores fundamentais para reorganizar a relação com a natureza para além das pretensões controladoras da cultura do mercado e da economia do capital.

Na verdade estas formas de convivência com a terra e seus seres não são saudades de um passado remoto nem utopias futuristas, mas se encontram presentes e resistentes nos modos de relação e vida com a natureza por parte das comunidades tradicionais pelo mundo a fora.

(acesso 12/9/2019)

²³ BAUDRILLARD, Jean. Da Sedução. Campinas: Papirus: 1991

*“La semilla nativa es el resultado de un proceso de crianza, incrustado dentro de cosmologías no occidentales, entre los pueblos indígenas, la semilla, y todos los otros seres vivos. El concepto de las Culturas de la semilla es una herramienta de análisis que pone de relieve el hecho de que la semilla no es ni una simple mercancía que los fitomejoradores pueden manipular en un laboratorio, ni algo que comprar en un almacén de semillas, ni la semilla de evolucionar en un culturales o biológicos vacío. Las culturas de las semillas implica específicos puntos de vista cosmológico y modelos cognitivos, diversas estrategias tecnológicas y de los ecosistemas, así como tipos muy diferentes de las organizaciones sociales, religiosas y productivas ”.*²⁴

O protagonismo das mulheres na agroecologia também não pode se basear em idealizações: não! as mulheres não são seres mais sensíveis e mais afeitas ao sexo e ao erótico. Este é um papel e um imaginário construído socialmente; não! as mulheres não estão mais próximas da natureza... porque estão historicamente associadas às formas de reprodução do grupo familiar e suas comunidades lidam e conhecem os lugares para além dos modelos do patriarcado. As mulheres camponesas e das comunidades tradicionais desenvolveram um vasto saber sobre os agrossistemas e por isso mesmo entendem da biodiversidade, da domesticação de plantas, do manejo das sementes e por isso mesmo têm um papel fundamental da luta pela defesa da biodiversidade e da soberania alimentar.

Por isso e por outras são as mulheres camponesas no Brasil e no mundo que articulam e protagonizam a defesa e a luta pela terra, e contribuem de modo decisivo para a transição para uma agricultura de base ecológica... a superação da violência do patriarcado e do agronegócio.

Por esta e outras razões, as mulheres camponesas são protagonistas na defesa e na luta pela terra, e contribuir decisivamente para a transição para uma agricultura de base ecológica, a superação da violência, o patriarcado, e agronegócio. Eles representam uma economia da vida. Um que articula o quintal, a cozinha, a floresta, os animais, as festas de estar vivo, as diversas necessidades da família e da terra. As mulheres camponesas têm um caso de amor com a terra.

E a terra pode ser mãe, mas uma mulher erotizada, ou uma amiga, uma professora, uma irmã: erotizada a terra pode ser o que se quiser como expressão de uma relação para além da mercadoria, para além da produção e da burocracia tecnológica.

Neste sentido reconhecemos os povos indígenas, pequenos agricultores e comunidades agro-ecológicas como seus intérpretes mais atentos, e acreditamos que estas comunidades preparam já os processos de transição

²⁴ GONZALEZ, Tirso, The Cultures of the Seed in the Peruvian Andes, in: <https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/bitstream/handle/10625/28149/IDL-28149.pdf?sequence=1> (acesso 12/9/2019)

agroecológica e podem nos orientar em nosso caminho para a pós-capitalismo.

... e Deus é cio!

Bibliografia:

- BASKIN, J., Women in the Bible - An Early Example of Divergent Views, in: <https://www.myjewishlearning.com/article/women-in-the-bible/>
- BAUDRILLARD, Jean. Da Sedução. Campinas: Papirus: 1991
- CARDOSO, Silas Klein. A força da religiosidade feminina no Israel Antigo: metáfora e (des)construção da realidade em Oseias 9,10-17. *Estudos Bíblicos*, v. 32, n. 128, Petrópolis: Vozes, p.416-435, 2015.
- CAPORAL, COSTABEBER, Agroecologia. Enfoque científico e estratégico, in: http://www.agraer.ms.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Enfoque_Cientifico_e_Estrategido_ADRS.pdf
- CARDOSO, Nancy, "...sean fecundos, multiplíquense, llenen la tierra..." (Gênesis 1,28) Producción y reproducción en la Biblia Hebrea, RIBLA 57, 2007, QUITO, in: <http://www.centrobiblicoquito.org/ribla/>
- CHOQUEHUANCA C. , D. 2010. Hacia la reconstrucción del Vivir Bien. América Latina en Movimiento, ALAI, no.456: 6-13, in: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1837823>
- CORREIA JÚNIOR, João Luiz; CORDEIRO, Ana Luisa, ASHERAH: A Deusa Proibida, Revista Aulas, Dossiê Religião N.4 – abril 2007/julho 2007, in: https://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20I/4_1.pdf
- MATTOS LEAL, Jônatas de. A relação entre conhecimento de Deus, comportamento ético e ecologia: uma interpretação de Oseias 4,1-3. *Ribla*, 65, São Paulo: Metodista, p.115-130, 2016.
- DAIBER, João. O amor humano de Deus em Oséias. *Estudos Bíblicos*, 63, Petrópolis: Vozes, p.26-37, 1999.
- FREIRE, Anízio. Um cidadão do amor e da esperança no Reino do Norte (Oséias). *Estudos Bíblicos*, 79, Petrópolis: Vozes, p.24-44, 2003.
- GALLAZZI, A. . Êxodo 3 e o profetismo camponês. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 16, p. 69-75, 1988
- GONZALEZ, Tirso, The Cultures of the Seed in the Peruvian Andes, in: <https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/bitstream/handle/10625/28149/IDL-28149.pdf?sequence=1>
- GUDYNAS, E., Teología de los extractivismos. Introducción a Tabula Rasa N° 24, in: <http://www.redalyc.org/pdf/396/39646776001.pdf>
- LAGE, Jovanir. Javé é um Leão devorador: denúncia e ameaça contra a guerra entre Efraim e Judá em Oséias 5,8-15. *Estudos Bíblicos*, v. 32, n. 128, Petrópolis: Vozes, p.385-394, 2015.

- LIMA, Maria de Lourdes Corrêa, Culto no Israel do Norte, no século VIII a.C.: a concepção do livro de Oseias, *Revista de Cultura Teológica*, in: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/rct.i93.40694>
- LISBÔA, Célia Maria Patriarca. Intolerância religiosa em Oseias 1-3. *Estudos Bíblicos*, 109, Petrópolis: Vozes, p.19-28, 2011.
- LOPES, Mercedes. A terra está de luto e seus habitantes murcham (Oséias 4,1-3) – *Uma profecia que mostra a relação entre humanidade e natureza*. *Estudos Bíblicos*, 100, Petrópolis: Vozes, p.42-50, 2008.
- LUCKNER, Rita de Cássia Scocca. Entre *logos*, *mythos* e *kerygma*: uma releitura do livro de Oseias à luz da crítica literária de Northrop Frye. *Estudos Bíblicos*, v. 32, n. 128, Petrópolis: Vozes, p.484-495, 2015.
- MENDONÇA, Érico Valmiro Sales de. Exílio de Samaria e do Touro-Jovem em Oseias 10,1-8. *Estudos Bíblicos*, v. 32, n. 128, Petrópolis: Vozes, p.436-444, 2015.
- MOREIRA, Gilvander, Oseias, o profeta das relações de amor e da anti-idolatria religiosa, in: <https://www.ecodebate.com.br/2012/12/04/oseias-o-profeta-das-relacoes-de-amor-e-da-anti-idolatria-religiosa-a-biblia-respira-profecia-parte-4-por-gilvander-luis-moreira/>
- NAKANOSE, S., Uma história para contar: A Páscoa de Josias - Metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22, 1-23,30. São Paulo, Paulinas, 2000
- PEREIRA, Ney Brasil. O manifesto ecológico de Oseias (Os 4,1-3). *Reb* 76, fasc. 301, Petrópolis: Vozes, p.184-191, 2016.
- PEREIRA, Ney Brasil. Misericórdia, amor, bondade. A misericórdia que Deus quer. *Reb* 76, fasc. 301, Petrópolis: Vozes, p.199-210, 2016.
- PIXLEY, Jorge. Oséias: nova proposta de leitura a partir da América Latina. *Ribla*, 1, 2.ed, Petrópolis: Vozes, p.44-63, 1990.
- PORTELLADA, Paulo. Oséias 8,1-14. *Estudos Bíblicos*, v. 32, n. 128, Petrópolis: Vozes, p.395-407, 2015.
- REIMER, Haroldo. Sair da crise – Anotações a partir do imaginário dos profetas menores do século VIII a. C. *Estudos Bíblicos*, 42, Petrópolis: Vozes, p.28-36, 1994.
- SAID, Magnólia, MOREIRA, Sarah, Mulheres e Agroecologia: Multiplicadoras Agroecológicas transformando o semiárido, in: https://esplar.com.br/publicacoes/cartilhas/item/download/10_b675e-33f67216942810d3a5371c88c67
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. A desmilitarização e o resgate da dignidade da vida em Oséias. *Ribla*, 8, Petrópolis: Vozes, p.70-81, 1991.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. O corpo excluído de sua dignidade – Uma proposta de leitura feminista de Oséias 4. *Ribla*, 15, Petrópolis: Vozes, p.28-36, 1993.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Oséias: uma outra profecia. *Ribla*, 35/36, Petrópolis: Vozes, p.153-164, 2000.

- SASSI, Katia, Desenrollando los cinco Megillot festivos, Megillot Enfoque feminista, RIBLA 57, 2010, in: <http://www.centrobiblicoquito.org/ribla/>
- SCHWANTES, Milton. “A lua nova devorará suas heranças”. *Estudos Bíblicos*, 73, Petrópolis: Vozes, p.8-19, 2002. [Os 5,1-7]
- SCHWANTES, Milton. “Era um menino” – Anotações sobre Oséias 11. *Ribla*, 14, Petrópolis: Vozes, p.33-43, 1993.
- SCHWANTES, Milton. Solidariedade e conhecimento de Deus – Enfoques proféticos em Oséias 6,1-11. *Estudos Bíblicos*, 100, Petrópolis: Vozes, p.51-59, 2008.
- SECRETI, P.G., Deus Ciumento: Análise Exegética de Oséias 2,4-15, dissertação de mestrado em Ciências da Religião, PUC Goiás, 2006, in: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/968>
- SETEL, Drorah, Prophets and Pornography: Female Sexual Imagery in Hosea, *Feminist Interpretation of the Bible*, Edited by Letty M. Russell, Westminster Press. Philadelphia, 1985, in: <http://www.womenpriests.org/prophets-and-pornography-female-sexual-imagery-in-hosea-by-t-drorah-setel-from-feminist-interpretation-of-the-bible/>
- SILVA, Roberto de Jesus. Análise exegética de Oseias 14,2-9. *Estudos Bíblicos*, v. 32, n. 128, Petrópolis: Vozes, p.474-483, 2015.
- SILVA, Célio. Sobre os cumes dos montes sacrificam. tese de doutorado, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2012, in: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/225/1/Celio%20Silva.pdf>
- SIQUEIRA, Tércio Machado. O “novo” começa no deserto (Os 2,4-25). *Estudos Bíblicos*, v. 32, n. 128, Petrópolis: Vozes, p.371-384, 2015.
- SOUZA, Bruno Cavalcante de. O que fareis vós para o dia da festa de Javé? Uma análise da perícopes de Oséias 9,1-9. *Estudos Bíblicos*, v. 32, n. 128, Petrópolis: Vozes, p.408-415, 2015.
- SOUZA, Neuza Silveira de; AUGUSTA, Maria de Lourdes. “Eu quero misericórdia e não sacrifício” (Os 6,6). *Estudos Bíblicos*, v. 33, n. 129, Petrópolis: Vozes, p.97-110, 2016.
- TOSELI, Cecilia. Oseias 13 e a condenação dos “touro jovens”. *Estudos Bíblicos*, v. 32, n. 128, Petrópolis: Vozes, p.458-473, 2015.
- WEST, G., Tracking an ancient Near Eastern economic system: The tributary mode of production and the temple-state, *Old testam. essays*, Pretoria, v. 24, n. 2, p. 511-532, 2011, in: http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1010-99192011000200011&lng=en&nrm=iso
- WITTENBERG, Gunther, Knowledge of God: The Relevance of Hosea 4:1-3 for a Theological Response to Climate Change, *OTE* 22/2 (2009), 488-509, in: <http://www.scielo.org.za/pdf/ote/v22n2/14.pdf>

- XAVIER, Suely. Sobre opressão e violência *versus* solidariedade e direito! Uma leitura de Os 12,2-11. *Estudos Bíblicos*, v. 32, n. 128, Petrópolis: Vozes, p.445-457, 2015.
- YEE, Gale, "She is not my wife and i am not her husband": a materialist analysis of Hosea 1-2, *Biblical Interpretation*, Koninklijke Brill NV, Leiden, 2001, in: https://www.academia.edu/25404727/She_is_Not_My_Wife_and_I_Am_Not_Her_Husband_A_Materialist_Analysis_of_Hosea_1_2
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. O Estado e o empobrecimento do povo – Reflexões a partir dos profetas do VIII século a.C. *Estudos Bíblicos*, 21, Petrópolis: Vozes, p.23-32, 1989. [Am; Os; Mq]

Nancy Cardoso
nancycptro@gmail.com